

A SOCIEDADE EM LITERATURA, REFLEXÕES MULTIPERSPECTIVADAS

Madalena Machado¹

Resumo: A reflexão empreendida da Literatura com o dado social, solicita um olhar perscrutador em que predomine a atitude reflexiva. Nossa abordagem com vários textos da Literatura Brasileira, centra sua atenção no entrelaçamento da sociedade na trama literária. O equilíbrio de encontrarmos na forma junto do conteúdo a inquietante procura do homem em se situar no mundo em meio às coisas, faz desta pesquisa em que pese a presença do mundo social, um articulador para um ponto de vista sobre dois aspectos essenciais em se tratando de Literatura.

Palavras-chave: Literatura; sociedade; homem; forma; conteúdo.

Abstract: The reflection of the literature undertaken with the given social, asks a probing look at the reflexive attitude that prevails. Our approach with several texts of Brazilian literature, focuses his attention on the interweaving of literary society in the plot. The balance of finding the form with the content disturbing looking man in the world is situated in the midst of things, this research is that despite the presence of the social world, an organizer for a view on two key aspects in the case Literature.

Keywords: Literature; society; man; form; content.

A pesquisa estruturada no conhecimento de Literatura e sociedade requer muito mais que o vínculo costumeiramente estabelecido entre aquela forma de conhecimento e situações econômicas, políticas e sociais concretas. No entanto, é preciso reconhecer que a situação social resvala na possibilidade de realização de certos valores estéticos, embora não os determine. Em contrapartida, as implicações sociais latentes ou implícitas de uma obra literária em nosso estudo, se estabelece em termos de apreciação da integração de uma cultura e as interrelações das diversas atividades humanas com as quais os seres fictícios se ocupam. Tomemos como exemplar a Literatura Brasileira. Desde seus primórdios apresenta

¹Professora e Pesquisadora na UNEMAT/Pontes e Lacerda e PPGEL/Tangará da Serra. Mestre em Estudos Literários pela UNESP, Doutora em Teoria Literária pela UFRJ e Pós-Doutora pela Sorbonne.

uma preocupação em recortar o quadro social de que se nutre enredos, situações e personagens. A título de comparação temos **O Caramuru**, em que Santa Rita Durão mostrava-se ansioso em agradar tanto a corte portuguesa quanto a Igreja ao configurar o índio como dócil e solícito em atender os interesses estrangeiros. Neste livro, o conflito se estabelece justamente quando há entraves no atendimento daquilo que pretendia portugueses e jesuítas; catequese, luta armada são recursos utilizados para o estabelecimento da ordem social, conforme arquiteta a razão pensante de Durão. O olhar do índio em relação a estes fatos é contraposto com a criação do poema épico **O Uruguai** em que Basílio da Gama privilegia o elemento natural, o índio com suas crenças e paisagem em detrimento dos interesses ambiciosos do homem branco. Neste, é a visão do índio o elemento preponderante, o sentido de devastação, traição, amor e pureza é o do homem enraizado na terra antes da chegada do estrangeiro.

Avançando um pouco mais em nossa Literatura, temos com Tomaz Antônio Gonzaga uma relação harmoniosa com a natureza e o homem que a ocupa estampada no livro **Marília de Dirceu**. É imprescindível que apontemos para este nível de observação que a narrativa e a disposição dos fatos neste poema, em tudo celebra uma vida que a realidade dos fatos históricos desmente. Ali, o único conflito existente é o homem que se vê contrariado na insatisfação da correspondência amorosa. A natureza é perfeita; animais e plantas sentem toda a emoção idílica do amante desprezado, os elementos naturais perfazem uma rotação que em tudo lembra a procura amorosa do Dirceu à mercê de sua Marília. Saudosismo e indiferença vão ao encontro de uma vida existente somente na imaginação cidadina do homem que se

transveste de camponês para “viver” seu amor idealizado. Não importa neste sentido, a revolução social de que seu autor era parte decisiva, **Marília de Dirceu** serve como pano de fundo a uma Literatura nascente e, portanto, ilustrativa no que diz respeito à afirmação das Letras nacionais.

Manuel Antônio de Almeida na feliz composição de suas **Memórias de um Sargento de Milícias**, leva a público pela primeira vez uma sociedade oriunda das camadas populares, com suas crenças, costumes, folclore do homem do povo; o próprio herói só se torna um sargento depois de deflagrada toda a sua artimanha pícara que, como o Lazarilho errante de Tormes, precisa encontrar uma saída urgente para se manter em meio aos impedimentos da vida pública. É importante observar que naquele romance em especial, a Literatura Brasileira muda o foco de atenção para o homem sem nenhum brilho exponencial. As memórias dizem respeito à rotina de comadres, lavadeiras, procissões, festas ciganas que a tudo é acompanhado de perto pelo herói na experiência de viver/aprender ao mesmo tempo em que se diverte com tudo, inclusive com a própria derrota. Antes de Machado de Assis, Manoel Antônio de Almeida se mostra exímio em descortinar o comportamento daquela gente que tem pressa em experimentar a vida; o leitor acompanha de perto a chegada dos pais de Leonardo, como era o namoro, depois a rotina ao desembarcarem no porto, vindos de Portugal. Em seguida os progenitores somem da ambiência romanesca para ceder lugar a Leonardinho Pataca que não espera os fatos acontecerem, pelo contrário, provoca-os. Assim, não interessa a este romance somente os laços amorosos de seu protagonista, toda uma gama de complicações faz parte de seu enredo. Mesmo que isto implique mentiras, trapaças, o autor

parece mostrar que a vida é feita destes interstícios e a cada movimento, exige uma interferência direta da mão do homem, assim como propugna Georg Lukács em sua **Teoria do Romance** (2000).

No tocante ao estudo da sociedade elaborado por José de Alencar em seu romance urbano mais famoso, **Senhora**, mostra a metamorfose muito comum nas narrativas: a moça pobre que por volteios do destino se torna rica e se vinga do antigo namorado. Não é somente o futuro surpreendente de Aurélia desprezando Seixas o que mais revela o romance, é, antes de tudo um retrato daquela conturbada vida na sociedade carioca do século XIX, o sentido mais revelador; o casamento por dotes, os bastidores dos teatros e recepções, o *modus vivendi* daquela gente ávida por dinheiro e posição social. O que à primeira vista parece ser uma adesão contundente da protagonista, visto o título da narrativa, o que ela faz da fortuna herdada, a compra do marido para depois exibi-lo junto aos seus convivas, é, em contrapartida, um protesto, repúdio até, devido ter sido preterida no passado por causa de sua condição social.

A disposição com que os autores colocavam a sociedade em seus romances, determinava muito de sua visão de mundo da qual o intérprete pode extrair certos valores. Seguindo de perto ou mais distante a **Poética** de Aristóteles na sua força de unificação, a tendência é estipular caracteres na prerrogativa de expressar as mesmas forças centrípetas da vida social. Isto, no intuito de servir à mesma tarefa de centralização e unificação com a qual se mantinha o poder. Quem manda e quem obedece naquelas obras equivale à distinção daquele que detém o saber. Os personagens perfazem um sistema no qual é parte removível de acordo com os interesses vigentes. Arredam-se disposições contrárias, culturas e

a ideia de verdade com as quais os seres ficcionais compunham suas trajetórias, a vida em particular. As camadas sociais não se misturavam, pois o leitor conhecia em detalhes a casa, o quarto, o salão e quem o frequentava, sabendo exatamente quem servia e quem era o convidado.

O espaço social predisposto na amostragem da Literatura exhibe uma estratificação sem contradição até Machado de Assis, quando então o leitor tem acesso a uma variação de vozes desde a figura do narrador. Se este é oriundo das camadas sociais mais avantajadas, como no caso de Brás Cubas, nas suas **Memórias Póstumas**, isto não impede seu desnudamento psicológico. Outrossim, temos também a cedência da voz àqueles personagens simples, gente do povo, como é o caso de Dona Plácida, seus pruridos, convenções e a perda do sentido moral para a necessidade de sobrevivência, conforme seu pensamento. Em Machado é possível encontrar aquilo que Mikhail Bakhtin (1998) formulou como plurilinguismo social e histórico. Possibilidades literárias para a compreensão do mundo e da vida diretamente de uma sociedade influenciada por estereótipos europeus, de ganho a qualquer preço, lucro sobrepondo o caráter. O que permite afirmar que o escritor brasileiro já via o contraponto da influência estrangeira sobre o comportamento do homem nacional. Participante ativo do diálogo social, o personagem em Machado tem opiniões voltadas ao interesse próprio, o que demonstra uma atmosfera pendente da consciência social muito aguçada do escritor. Apontamos isto junto à escolha de suas tramas para dar conta de um Brasil europeizado. Diversas são as falas sociais. Prostitutas, deputados, escravos, comerciantes, loucos e ricos desfilam em enredos dando conta de que “As linguagens sociais são objetivas, caracterizadas, socialmente localizadas e limitadas;” (BAKHTIN, 1998, p. 95), embora marcando de

forma peremptória a diferenciação social significativa que está sempre presente. Seja num discurso, numa escolha amorosa, um cargo político disputado, um flerte ou um agrado à prostituta. O que torna a vida socialmente tensa são justamente as escolhas feitas, ou, no caso da literatura machadiana, as escolhas por fazer e ambiguidade que a situação provoca.

No caso singular de **Triste fim de Policarpo Quaresma**, a sociedade ali estampada é composta do homem, único na sua singeleza de amar o Brasil e toda uma estrutura que o ridiculariza por isto. O jeito de ser, acreditar na vida faz de Policarpo um problema num tempo em que não há mais possibilidade de inteireza. O que, no entanto, não se furta ao “entendimento puramente humano e psicológico entre as personagens” (LUKÁCS, 2000, p. 55). Percebemos a complexidade do protagonista desde sua visão de mundo com o choque causado naqueles que não o compreendem. Forma-se assim, uma força contraditória em que o herói vai em busca do que acredita: as letras, a agricultura e às armas e do outro lado, a família, o trabalho, o exército desfaz de dia o que ele sonhou à noite. É então quando localizamos o personagem no conflito de lutar contra forças maiores que a sua, surge daí o sofrimento, a dilaceração interior de Policarpo cujo nome revela uma eterna preparação, Quaresma. A vida do protagonista que tem um triste fim formata o ideal romanesco conforme propugna Georg Lukács, para quem, “somente sua desenvoltura ductibilidade e sua coesão livre de ritmo captam com igual força os liames e a liberdade, o peso dado e a leveza conquistada ao mundo, que passa então a irradiar com imanência o sentido descoberto.” (2000, p. 58). Embora o sentido não seja muito claro ou agradável de se encarar, a busca em si do personagem dá grandeza à narrativa.

As relações sociais que permeiam as narrativas testemunham a problematização do que é estar vivo, ocupar um lugar no tempo e no espaço. Se nos primórdios do romance havia a necessidade de retratar aventuras para demonstração do valor do homem, agora o que importa é justamente os contornos da interioridade insatisfeita com o estabelecimento do mundo e das coisas. Vem daí a incompreensão de Brás Cubas que se lança às memórias depois de morto, a insatisfação de Policarpo Quaresma e a perambulação de Macunaíma num Brasil que não se conhece. A natureza dos estados de alma destes personagens importa muito para ter o alcance mais apropriado do que eles significam no seu contexto. Diante da impossibilidade de compreensão de suas ações, temos flagrantes de questionamentos na vontade de conhecer; por esta via, o herói do romance nasce como ensina Lukács desse alheamento em face do mundo exterior. (2000, p. 66). Justamente, o fato de não se importar com o que os outros pensam ou deixam de pensar, por outro tanto, ir ao enalço de respostas, faz dos personagens romanescos seres de interioridade única. Esta se dissocia de forma definitiva da aventura composta exclusivamente de ações que, por sua vez não simbolizam nada além de uma ânsia em conquistar a si mesmo e fazer desta conquista uma demarcação pessoal junto a um mundo desprovido do sentido de totalidade.

Na composição de **Vidas Secas**, Graciliano Ramos exprime a oposição gritante entre a natureza árida e a falta de percepção do próprio valor observada nos personagens. A agrura acompanhada na vida de Fabiano e Sinhá Vitória estabelece uma espécie de grito surdo daquela gente que não tem voz para defender seus direitos, perambula de um lugar para o outro fugindo da seca e caindo nas mãos de fazendeiros

exploradores e comerciantes inescrupulosos. O casal, seus dois filhos, a cachorra Baleia e o papagaio são a encarnação daquilo que o mundo tem de frágil e inacabado, por extensão nos remete para algo que os excede. Consciência tranquila? Sem dúvida não. Pelo contrário, aquela falta de comunicação, o silêncio perturbador quando cabe uma palavra de protesto, indignação, incomoda o leitor na sua vida cômoda de ter tudo muito organizado, explicado. A vida daquela gente só pode ser conhecida se a localizarmos num processo, sem esperança a não ser conseguir abrigo e comida daquele dia, conforme podemos acompanhar.

Na mesma direção temos **A Hora da Estrela**, a nordestina explorada que vai para a cidade grande em busca de uma vida melhor. Igualmente submissa, anônima numa multidão, ela vive e se torna alguém sem expressão. Num ritmo sem possibilidade nem tempo para ser feliz junto do namorado que, rapidamente a troca pela amiga, Macabéa é desde o início da narrativa, motivo de análise de um narrador que, também não se encontra. Vivendo sem ter um motivo para isto, procura uma explicação numa cartomante que a ilude com um futuro brilhante junto de um estrangeiro. O fato da protagonista ser atropelada como se fosse uma pedra no meio do caminho, é aos olhos do narrador um fato desencadeador da reflexão que a própria personagem faz de si mesma e, por isto, se torna a estrela embora na hora derradeira.

O que este enredo pode nos proporcionar para discutir a sociedade problematizada na Literatura? Em tempos modernos quando não se tem oportunidade nem espaço para ouvir o outro, a observação se torna o fator preponderante ao considerarmos a Literatura como uma instituição social. As questões aí levantadas vão desde a falta de

comunicação, desconhecimento do próprio valor, falta de instrução, insegurança nos sentimentos, excluídas as possibilidades de notação única quanto aos sistemas econômicos, sociais ou políticos na explicação da forma literária. Isto não significa que queremos neste estudo reduzir a Literatura a certos aspectos da realidade social. É evidente que o escritor traz consigo certos valores presentes em seu texto, o que não significa uma bandeira levantada em cada escrita a fim de convencer o leitor; sequer negamos a filiação do artista a certa classe social. Temos por maior abrangência que a Literatura não sendo o reflexo de um processo social, é por assim dizer, um resumo da História de uma forma mais ampla. Nisto converge o poder do questionamento presente na trama e suscitado no leitor, pois apresenta problemas de conteúdo social, implicações daí decorrentes e objetivos que podem ser tanto claros quanto diluídos no enredo. Queremos ressaltar nesta relação empreendida entre Literatura e sociedade, a captação feita pelos escritores da experiência com um grau acentuado do gênero humano.

Em que pese os motivos condutores nas narrativas, encontros e desencontros, razões e motivos singulariza a organização da vida social na qual localizamos os personagens indicados nesta pesquisa. Buscar sobreviver em meio ao lado hostil da vida, destacar a cultura, os costumes de um povo oprimido pela visão estrangeira, situar a própria individualidade disfarçada na máscara social e, principalmente, problematizar um interior insatisfeito que é preciso harmonizar, eis as reflexões que podemos fazer desde uma base multiperspectivada de observação. O homem e seu meio, possibilidades, atento não somente a um objetivo concreto no que diz respeito a estar vivo, mas procurar entender o amadurecimento ao longo da trajetória. Não impor a sua

verdade, discutir inclusive se esta existe ou pertence a alguém, pelo contrário, introduzir um movimento que dê sentido à sua consciência pensante, nos parece bem mais salutar para compreendermos entes ficcionais na proporção que indicamos a importância de tratar a sociedade em Literatura.

De acordo com a qualificação estética em cada obra específica aqui retomada, somos expostos ora à sociologia da literatura, ora à análise sociológica do discurso literário, tendo em vista que ambas as possibilidades de observação destacam a “transformação do fato literário em fato social”. (LIMA, 2002, p. 663). Tomando como indiscutível que não se pode abordar o texto literário sem entender o contexto ao qual ele se insere, o dado problemático fica por conta da compreensão de como há a participação do social na literatura. À medida que avançamos na abordagem, tendo em mente que a sociologia da literatura busca saber das condições sociais anteriores ao discurso literário, enquanto a análise sociológica procura estabelecer o que há de literatura no texto, é no grau que encontramos a diferença entre ambas. Os valores estéticos indiciam a capacidade criativa da literatura trabalhar com o dado social. Assim, é preciso muita cautela para não recair na velha diatribe de representação do real diante de uma temática tão controversa. Imitação, cópia, fidelidade na transposição de fatos históricos sempre esteve ligado à engenhosidade da criação literária, seja refutando, seja reiterando tais pressupostos. O que não podemos perder de vista, conforme lembra Luiz Costa Lima (2002, p. 666), é que “não se pode julgar um discurso ficcional verdadeiro/falso porque não contenha referências fidedignas ao real, mas porque **neutraliza** nosso modo habitual de tematizar a realidade.” (grifo do autor). Seguindo uma vasta tradição teórica, Luiz

Costa Lima ainda defende a forma como preponderante no texto literário, como as coisas são ditas, narradas e vividas na literatura se torna muito mais importante e válido do ponto de vista crítico.

A imagem que a obra projeta da sociedade: o mundo dos conquistadores; o olhar dos conquistados; o amador e a mulher amada; o sujeito que “sobe” na vida e se torna um militar; a mulher na mesma situação “compra” o marido; o sujeito que morreu e, por isto, quebrou todos os vínculos que o ligavam a uma sociedade apodrecida em seus valores morais; a grandeza do homem que se movia por um ideal e desprezado pelo conjunto social do qual fazia parte; os homens secos como a terra árida em busca de compensação, já animalizados em seus gestos; a mulher desamparada, sem família, lar ou amigos, servidora nas atitudes e na vida, não fica em paz com o espelho nem com o mundo que a cerca, todos eles completam um pano de fundo sobre o qual o romance pode se afirmar ou fracassar. Se firma justamente nessa trincheira aberta na consciência do leitor, provocando reflexões e análises internas, quando então ele pode modificar seu mundo. A vida enquanto material indispensável para que a literatura tome forma, é o substrato principal segundo o qual o artista pode despertar influências, suscitar o debate, ampliar perspectivas. A obra literária nesta visão atua como se fosse um poder de enxergar as coisas para além da obviedade num confronto intermitente com o senso comum, por isto pode ser “danosa” ao interferir em valores arraigados numa sociedade. Algo já antevisto desde Platão com os “perigos” observados na Literatura que poderia “corromper” os jovens.

Adotamos neste estudo a noção de que a Literatura fala da vida, mas também fala de si mesma, o que nos leva à compreensão de que os fatos sociais contribuem em muito na formatação tanto de personagens quanto dos enredos. Estabelecer a relação entre os fatos e o que isto pode significar no texto literário, exige do intérprete uma sensibilidade mais apurada para os detalhes que dão sentido às ações humanas na linguagem literária. Portanto, se há o amor a mulher ou à pátria, o entendimento de si num mundo arredo, desperta atitudes como um modo todo particular que a Literatura encontra para fazer o leitor viver no mundo. Vale lembrar aqui a aventura prototípica da Literatura moderna com Dom Quixote saindo em busca de provar seu valor, vivendo o mundo aprendido nas leituras literárias.

O amálgama entre o mundo real e o mundo possível, como sugere Antoine Compagnon (2001, p. 136) na discussão da realidade presente nas tramas literárias, propicia a observação do quanto é importante haver um equilíbrio em tratar conteúdo, fundo, presente na ficção e na convicção de que a literatura é o entrelugar desta interface. Deste modo visualizamos Brás Cubas, Fabiano e Sinha Vitória, Macabéa e tantos outros personagens ao assumirem no todo ficcional a identidade do homem individual, vistos na sua dificuldade em habitar o mundo. No olhar dubitativo, no semblante interrogativo, acompanhamos seres ficcionais formulando dúvidas profundas, do que é verdade, engodo, sempre perfazendo a importância de que se veem abstraídos. Seres problemáticos ou causadores de problemas para uma comunidade, às vezes eles rejeitam o mundo social e suas convenções, contudo, é nessa complexidade que os leitores podem encontrar a “independência dos seres humanos em relação ao meio que a realidade da norma transcende”.

(PAVEL, 2003, p. 360). Diante de tais considerações, como negar o desprezo pela norma moral em personagens como Brás Cubas? A alegria sentida por Macabéa na hora em que se tornou estrela? Sentimento oriundo por escapar às pressões morais que regiam a sociedade da qual fazia parte. Vimos, inclusive, em Fabiano e Sinhá Vitória uma espécie de provocação da tomada de consciência necessária, visto simbolizarem uma ruptura irremediável entre a alma e o mundo onde vagueiam. Assim também, os demais personagens demarcam a vivacidade da enunciação poética de que se revestem todas aquelas histórias de homens e sua realidade profundamente inquietante, porém dignas de reflexão.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética** – a teoria do romance. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini et al. 3.ed; São Paulo: EDUNESP, 1993

COMPAGNON, Antoine. “O mundo”. In: **O demônio da teoria**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001

LIMA, Luiz Costa. (Org.). “A análise sociológica da literatura”. In: **Teoria da literatura em suas fontes**. v 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000

PAVEL, Thomas. “Liens abolis, universinsondables”. In: **La pensée du roman**. Paris: Gallimard, 2003.

WELEK, René.; WARREN, Austin. “Littérature et société”. In: **La théorie littéraire**. Paris: Seuil, 1971